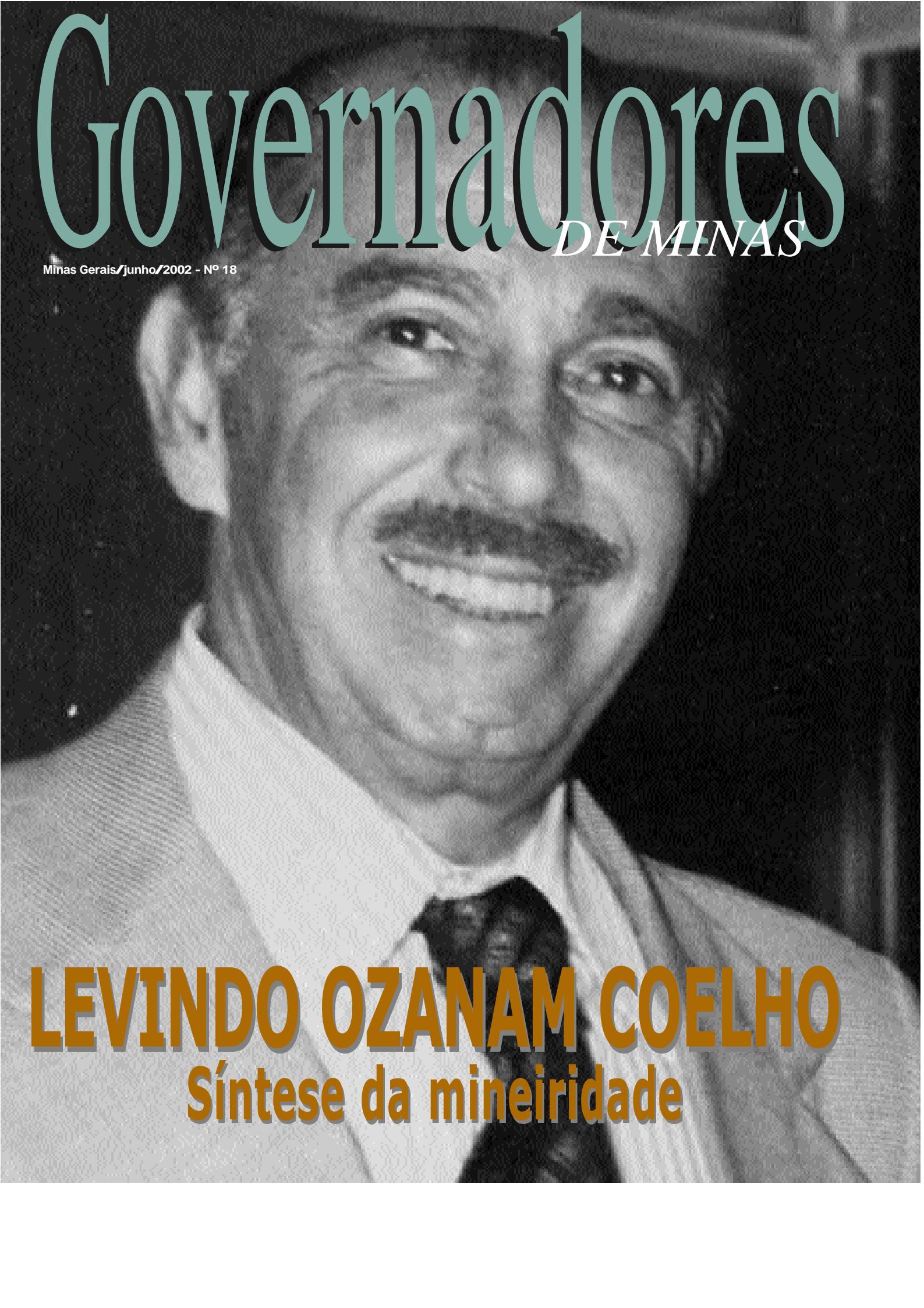


Governadores *DE MINAS*



Minas Gerais/Junho/2002 - Nº 18

LEVINDO OZANAM COELHO
Síntese da mineiridade

Ozanam Coelho Síntese da mineiridade

Eugênio Klein Dutra *

Ubá, cidade natal de Levindo Ozanam Coelho, onde nasceu em 17 de maio de 1914 (início da I Grande Guerra), é um tradicional centro cultural e econômico da região da Zona da Mata, surgida com o declínio do “ciclo do ouro”, em fins do século XVIII e princípios do XIX.

Nessa fase, os antigos mineiros passaram a buscar na agricultura o sucedâneo da atividade mineiradora, já em decadência. Fixaram-se, então, em regiões de terras férteis, como as banhadas pelos rios Turvo, Chopotó e Pomba, que compõem o município de Ubá. Com altitude de apenas 334 m, aproximadamente a 190 km da Capital (304 km pela rodovia), dela expulsaram seus habitantes naturais, os índios Croatas e Purís, para o que se valeram dos serviços do capitão Guido Tomás Marlieri, que fixou quartel na Fazenda “Guidoval”, denominação derivada do próprio nome do desbravador da região.

Em Ubá pontificaram grandes expressões da política mineira, tais como o ex-presidente Raul Soares de Moura e o senador Levindo Eduardo Coelho, pai de Ozanam.

A origem da tradição

O senador Levindo Eduardo Coelho foi um dos mais respeitados e ativos políticos mineiros. Médico, professor, jornalista e fazendeiro, era filho de Antônio Coelho e de Maria Antonia Coelho. De família humilde, Levindo Coelho nasceu a 13 de outubro de 1871, em Catas Altas da Noruega, nas montanhas de Minas.

Passou a infância na companhia de uma tia, Custódia Coelho, residente em Ubá. Foi professor de Inglês na juventude. Prestou vestibular para Farmácia

em Ouro Preto, tornando-se catedrático em 1902. Ingressou depois na Faculdade de Medicina da Bahia. Após conclusão desse segundo curso, voltou a Ubá,

onde exerceu a medicina e a farmacologia.

Ali encontrou a “Canaã de sua vida”, na expressão de seu filho Élcio Levindo Coelho. Conheceu e casou-se com Antonina Gonçalves Coelho, Dona Tonica, sua companheira e mãe de seus 14 filhos.

São eles: 1 - Antonina da Conceição Coelho Martins de Oliveira, que se

casou com o des. João Martins de Oliveira; 2 - Maria de Lourdes Coelho Vale, que se casou com Geraldo Alves do Vale; 3 - Frederico Ozanam (precoce mente falecido); 4 - Maria Aparecida Coelho Abelha, casada com o prof. David Lopes Abelha Sobrinho; 5 - Levindo Ozanam Coelho, que se casou com Cybele Pinto Coelho; 6 - Maria Helena Coelho Toledo, casada com Heitor Peixoto Toledo; 7 - Eduardo Levindo Coelho, que se casou com Teomar Pinto Coelho (irmã de Cybele).

E ainda: 8 - Maria da Piedade Coelho Paoliello, casada com o desembargador Lindolfo Paoliello; 9 - Maria de Loreto Coelho Toledo, casada com o juiz João Peixoto de Toledo; 10 - Adoremus Levindo Coelho, casado com Zilda Cardoso Coelho; 11 - Maria Helvécia Coelho Rocha, casada com Paulo Rocha; 12 - Maria da Glória Coelho Diniz, casada com Mauro Diniz; 13 - Dora Coelho Sachetto, casada com Carlos Junqueira Sachetto; e 14 - Hélcio Levindo Coelho, casado com Maria Luiza Fortini Levindo Coelho, com gerações de netos, bisnetos e trinetos.

* Ex-secretário de Estado da Educação do Governo Ozanam Coelho.



Como Governador,
numa solenidade
em Uberlândia

Atuação permanente



Com Aureliano Chaves,
de quem foi
vice-governador



Saudando o
general
Figueiredo



Recebendo o
general Geisel

O

ingres-
so do
patri-
a r c a
Levin-
do Coelho na polí-
tica ocorreu a pedido
do então governa-
dor do Estado Raul
Soares. Levindo as-
sumiu a chefia da
Campanha Civilista
de 1910 em Ubá,
tornando-se a lide-
rança de expre-
são. Logo em se-
guida, elegeu-se
vereador e depois
senador estadual

da 7^a à 10^a Legislaturas (1915/1930). Desem-
penhou por cinco períodos a função de Agente
Executivo em Ubá. Em 1926, foi vice-presiden-
te do Senado Mineiro.

No ano de 1930 foi eleito Deputado Federal
para a 14^a Legislatura, à qual renunciou para ocu-
par o posto de secretário da Educação e Saúde
Pública de Minas Gerais no Governo Olegário Ma-
ciel. Constituinte Federal em 1933 e Deputado Fe-
deral de 1934 a 1937. Neste ano, com a implan-
tação do Estado Novo, o Congresso é fechado e
Levindo retorna a Ubá, para onde é nomeado pre-
feito, pelo então interventor Benedito Valadares.
Permanece no cargo por dez anos.

Com a redemocratização do país, abandona o
posto, elegendo-se senador à Constituinte Federal –

1^a legislatura, reeleito em se-
guida (1947-1955). Findo
esse mandato, já com 84 anos
de idade, o senador encerra
sua atuação política, passando
ainda a integrar o Conselho
Administrativo do Banco Hipot-
ecário e Agrícola de Minas Ge-
rais S.A. Publica a autobiogra-
fia “Minha Vida, Minha Obra” e
lega a seus filhos Levindo Ozan-
am Coelho e Eduardo Levind-
o Coelho a carreira na vida
pública, atualmente exercida
pelo neto e deputado fede-
ral, Saulo Coelho.

O senador Levindo Coelho
faleceu em Ubá, a 6 de junho
de 1961.

Alvíssaras pelo nascimento



Ozanam
acompanhado
de João Marques,
vice-líder da Arena,
cumprimenta
correligionários

Quando Levindo Ozanam Coelho nasceu, seu pai fez a seguinte anotação: “Alvíssaras – O nascimento de meu filho, ‘Levindo Ozanam’, na casa da Avenida Raul Soares, foi motivo de júbilo para nós. Conservei o nome do primeiro várão que perdêramos aos 3 anos e 4 meses de idade. Deus seja louvado!”.

Era o quarto filho do casal, mas o primeiro homem. Assim, ocupou a condição de “filho mais velho” e, mais tarde, com o desaparecimento do pai, assumiu a chefia política de sua cidade natal, já ordeira e pacificada pela atuação política do falecido senador.

Exerceu com maestria essa liderança até seu falecimento, em 30 de março de 1984, antes de completar 70 anos de idade, durante uma conversa que mantinha com seu velho amigo, o escritor Antônio Olinto, na sede da antiga Fazenda das Palmeiras, em Ubá, a qual pertencera a seu pai e havia readquirido pouco tempo antes. Foi vítima de enfarte fulminante.

O casal Ozanam e Cybele teve cinco filhos: 1) Isaura Maria Coelho Santos; 2) Cybelle de Lourdes Coelho; 3) Levindo Eduardo Coelho Neto; 4) Saulo Levindo Coelho, seu sucessor político, que, com as virtudes políticas herdadas do pai, segue na política ubaense com serenidade, exercendo o mandato de

deputado federal e, com dedicação e zelo, evidenciando seu espírito filantrópico, a provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, e a presidência da Federação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos do Estado e 5) Marília Pinto Coelho.

Fez seu curso primário na cidade natal, onde concluiu o secundário no Colégio Estadual Raul Soares; prestou concurso público para o quadro de servidores da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 1932, bacharelando-se em Direito pela Faculdade de Direito da então Universidade de Minas Gerais, turma de 1936, tendo exercido funções no Diretório Acadêmico durante todo o curso, e eleito presidente do “Partido Reivindicador”, fundado pelos estudantes de Direito.

Retornou à sua cidade natal, e passou a advogar. Foi nomeado Promotor de Justiça da Comarca de Bom Sucesso, em 1939, para, logo a seguir, ser nomeado pelo Governador Benedito Valladares Ribeiro para as funções de Prefeito Municipal de Ubá (época da II Grande Guerra). Exerceu esse cargo até 1946, realizando inúmeras obras públicas visando sempre ao bem comum e à assistência aos menos afortunados. Foi diretor da “Folha do Povo”, semanário fundado por seu pai.

Liderança consolidada



Presidindo a comissão de comemoração do centenário de Raul Soares

O zanam Coelho iniciou sua vida pública em 1947. Nesse ano, redemocratizado o país, foi eleito o mais jovem deputado na Constituinte Estadual, na 1ª Legislatura (47/51). No mesmo ano, seu pai atuou como senador na Constituinte federal.

No Executivo Estadual, apoiava o governo de Milton Campos, em face da dissidência ocorrida nas hostes do antigo PSD. Suplente na 2a. Legislatura, tomou posse como deputado em 1953, sendo novamente eleito para a 3a. Legislatura, de 1955 a 1959.

Nesses mandatos, exerceu as funções de 4º Secretário da Mesa Diretora da Assembléia Legislativa, Líder do PSD de 1956 a 1958, a cujos quadros já retornara, membro das Comissões de Orçamento (1947-1954), Administração (1947-1954), Trabalho e Ordem Social (1949), Educação e Cultura (1950), Serviço Público Civil (1954), e das Comissões Especiais de Estudos sobre a produção agrícola (1947), e de Divisão Administrativa e Judiciária (1953).

Elegeu-se deputado federal da 4a. à 7a. Legislaturas (1959 a 1975), integrando as Comissões de Finanças, Agricultura e Relações Exteriores.

No final de 1974 foi eleito pelo Colégio Eleitoral para o cargo de vice-governador do Estado, para o quatriênio

1975-1979, como companheiro de chapa de Antônio Aureliano Chaves de Mendonça.

Com seu gênio conciliador e com sua lealdade, assumiu o governo do Estado em 5 de julho de 1978, com a renúncia antecipada do titular, que se candidatou à vice-presidência da República, como companheiro de chapa de João Batista de Oliveira Figueiredo. É importante ressaltar que esse gesto do titular, evidenciou os estreitos laços de amizade que os uniam. É forçoso convidar que a escolha de Aureliano Chaves foi uma importante estratégia política, adotada para neutralizar Magalhães Pinto, ex-governador mineiro que se lançara candidato à presidência da República e ameaçava concorrer no Colégio Eleitoral contra o general Figueiredo.

Exerceu o governo do Estado até o final do mandato, em 15 de março de 1979. Deixou obra de vulto, concluindo todos os projetos de seu antecessor e deixando outros elaborados para os seguintes, visando ao desenvolvimento do Estado, principalmente em suas regiões mais necessitadas. Fez questão de não deixar um só município mineiro sem escola estadual.

Em outubro de 1979 foi convidado pelo presidente da República para o cargo de Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, honraria que recusou, justificando-se pelo seu apego às urnas populares. Em novembro do mesmo ano, filiou-se ao PDS, cuja Comissão Regional integrou, reelegendo-se Deputado Federal para o mandato 1983 a 1987, que não chegou a completar, em virtude de seu falecimento.

Na época, março de 1984, era o mais antigo deputado federal de Minas Gerais no Congresso e acabara de anunciar sua decisão de votar a favor da realização de Eleições Diretas para a presidência da República.



Ozanam enfrenta a

catástrofe

Levindo Ozanam Coelho foi Governador de Minas Gerais de 5 de julho de 1978 a 15 de março de 1979. Nesse curto período, ele enfrentou uma das maiores catástrofes que o Estado já passou, com as chuvas e enchentes do final de 78 e início de 79.

Foram violentos temporais que inundaram os rios, provocando enchentes e tragédias em centenas de cidades. Muitas ficaram ilhadas, por falta de estradas, sem comunicações e com milhares de desabrigados. Filas intermináveis de caminhões formaram-se em alguns trechos das rodovias interrompidas. Em diversas regiões, houve racionamento de alimentos, gás e outros produtos.

Nesse momento, a ação do Estado foi fundamental para socorrer emergencialmente as populações, reabrir estradas e normalizar o abastecimento. Passados os momentos mais graves, Levindo Coelho cuidou da construção de casas em dezenas de municípios, da reconstrução de pontes e realização de obras de porte.

Em cidades como Ponte Nova e Guidoval, onde Levindo Coelho atuava como deputado, as enchentes provocaram mortes e muitos prejuízos. Em janeiro, o rio Piranga transbordou, provocando pânico. Em fevereiro, nova enchente, sem precedentes, arrasa, literalmente, a parte baixa de Ponte Nova. Barrancos encharcados deslizam, invadem residências, obstruem ruas e destróem calçamentos. Dezenas de

Despachando no Palácio dos Despachos.
A seu lado esquerdo
o irmão Eduardo,
secretário da Casa Civil



Instalação do distrito
de Monte Verde

casas desabam. O serviço de abastecimento de água é interrompido. Cresce a preocupação em relação às doenças epidêmicas. Desabrigados são espalhados por toda parte, inclusive nas dependências do Parque de Exposições da cidade. Em outras cidades, a situação era a mesma.

O governador visitou diversas cidades. Determinou providências de emergência, como aberturas das estradas e normalização do abastecimento. Mobilizou todo o governo para socorrer as vítimas.

Também foi no Governo de Ozanam que se concluiu e editou a coleção de Curt Lange. O renomado musicólogo Francisco Curt Lange foi um pioneiro na pesquisa histórica da música latino-americana, com estudos e as primeiras transcrições do repertório da “Escola de Minas Gerais”, um ponto de referência nesse campo. Em 1979, foi lançado: “História da música nas irmandades de Vila Rica. Freguesia de Nossa Senhora do Pilar”.



Definindo com diretores da GM a instalação da Terex em Minas

Verdade histórica

Muito forte foi a herança deixada pelo senador e sua esposa na formação moral e intelectual do filho, Ozanan Coelho, imprimindo-lhe os traços marcantes de sua personalidade. O prof. Alysson Vaz publicou sua biografia, na qual revelou não apenas a extensão de seu trabalho de pesquisa, colhendo os dados indispensáveis ao levantamento de toda a atividade política do biografado; penetrou nos bastidores da História, em que, na maioria dos fatos evidentes na vida pública, se desenrola a verdadeira tessitura do que se pode denominar de “verdade histórica”.

Não satisfeito, buscou trazer à luz os fatos, que auxiliam o leitor a compreender não só a época vivida, mas a própria personalidade do biografado, e, por esse veio, procurou desvendar o misterioso fascínio envolvendo o conhecimento das virtudes e defeitos, que compõem o fenômeno da “escola do pessedismo mineiro”.

Época rica em acontecimentos, dos quais o biografado participou intensamente, a leitura não só permite o seu conhecimento, como enseja ao intérprete conhecer a personalidade daqueles por eles envolvidos, ajudando a melhor anali-

sar, a bem compreender e julgar com acerto as ações de cada um de seus protagonistas. Fazendo fluir os episódios em perfeita ordem, adentra os meandros da política mineira e ubaense, nos vários capítulos, entre os quais “A luta política de Ubá através dos boletins”, a terrível arma interiorana assemelhada à “literatura de cordel” do nordeste, com as insinuações malévolas e toda sorte de diatribes a que se sujeitam os dedicados à vida pública.

Segue-se a análise de “Minas e o Estado Novo” e o autor deixa ao leitor a agradável tarefa de tirar as suas conclusões, porque, se para Maquiavel a política às vezes se revela como a arte do embuste (lembmando que “cada um vê o que parece ser, mas muito pouca gente sabe o que é”), a cambiante realidade dos fatos exige um perfeito conhecimento dos protagonistas e de suas ações, por ser praticamente impossível determinar a verdade.

Todos têm a sua verdade; e, para cada um deles, exatamente a sua é a verdadeira. Basta lembrar que o padre Vieira, em seus “Sermões”, proclama que a própria palavra de Deus obra em cada um de acordo com sua própria natureza, tanto quanto o sol que, malgrado seja um só, enquanto amolece a cera, endurece o barro.

Governadores DE MINAS

**Publicação da Imprensa Oficial
do Estado de Minas Gerais**

Nº 18 - junho 2002

Governador

Itamar Augusto Cautiero Franco

Vice-Governador

Newton Cardoso

Secretário de Estado da Casa Civil

José Pedro Rodrigues de Oliveira

Diretor-Geral da

Imprensa Oficial

José Maria Couto Moreira

Consultor Historiográfico

Prof. Oiliam José

Edição

Alencar Andrade

Projeto Gráfico e Diagramação

Maria Tereza de Almeida

Revisão Final

Ângela Maria Guzella Ramos

Fotos

Banco de Dados

Póca pelo bem comum

A trajetória política, a chegada ao poder e como procurou governar Minas numa difícil época de transição, evidencia a preocupação dos políticos, antes de serem praticamente substituídos pelos tecnocratas:

os planos de desenvolvimento, as metas a serem alcançadas, a averbação pelo endividamento público, a permanente preocupação com o bem comum, enfim, toda a atividade política inspirada no lema: "Salus populi, suprema lex est" (a salvação do povo é a lei suprema), que constitui a grande herança dessa geração de verdadeiros homens de estado.

Esta causa maior os tornava solidários a tal ponto que a narrativa evidencia a emoção do governador mineiro em face do sofrimento das vítimas das grandes enchentes verificadas ao final de seu mandato, desabrigando famílias inteiras, ceifando vidas, causando prejuízos incalculáveis. Aí se fez presente o homem de ação, aí, mais do que nunca, se revelou o governante preocupado com os governados, adquiriu vulto, em seus verdadeiros contornos, a figura humana de quem faz sua a dor alheia.

Outro depoimento sobre essa nobre qualidade de caráter de Ozanan Coelho vem de uma carta, escrita de próprio punho, pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek, em 9 de agosto de 1964, quando se encon-

trava exilado em Paris, perseguido pelos "revolucionários", que jamais lhe perdoaram tudo quanto fez pelo desenvolvimento nacional, a qual revela o estado emocional em que se encontrava o grande brasileiro, motivo pelo qual se guarda fidelidade à sua re

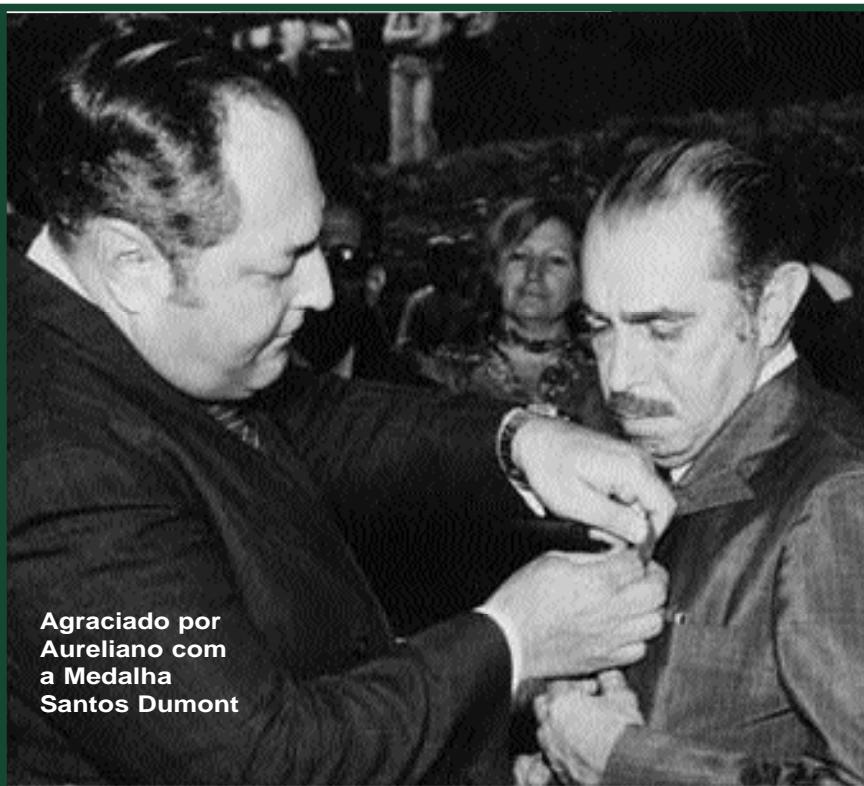
dação nesta transcrição: "Paris 9-8-64. Meu caro Ozanan, mando-lhe o meu primeiro abraço depois do violento temporal que me atingiu. Sou e fui sempre muito sensível às demonstrações de carinho dos amigos. Esta é a razão porque lhe quero agradecer de coração, a atitude corajosa e leal que você teve nos últimos acontecimentos, revelando a sua alta linhagem moral

Um grande abraço para você, extensivo à família. Juscelino"

Os tempos mudaram e com eles os costumes; o que antes era defeito, hoje insiste em parecer virtude: e a virtude passou a escandalizar.

Por isso, a imagem de grandes homens públicos de nosso passado se torna necessidade e um estímulo, pois, exemplos como o de Ozanan Coelho evidenciam que o bem-estar do povo brasileiro não está fora do alcance de nossas próprias mãos.

Sua biografia demonstra como homens simples e bons se revelam como governantes, mais úteis aos destinos nacionais do que aqueles que, julgando-se iluminados, promovem a desgraça e destroem as esperanças.



Agraciado por
Aureliano com
a Medalha
Santos Dumont